

CASA GERASSI – PAULO MENDES DA ROCHA*

ANA RITA CORREIA
MARIANA EÇA NEGREIROS
MAURO SANTOS GONÇALVES
RENAN MARINHO
MARCELO SANTIAGO

A FONTE: AS FILMAGENS DA CASA GERASSI

Os vídeos sobre a Casa Gerassi, da Coleção de Arquitetura Brasileira da Casa da Arquitetura, são fontes que documentam o processo de construção desta Casa de São Paulo, Brasil. Este registo documental é dividido em duas partes, isto é, em dois vídeos. A primeira parte tem 22 minutos e 3 segundos, enquanto a segunda tem 20 minutos e 17 segundos. Estes resultam de uma gravação em vídeo analógico, a cores e com som, feita em VHS-C (formato de câmara). A fonte em análise já resulta, porém, de uma transposição digital das cassetes de câmara originais. A primeira parte abrange um período de gravações entre 2 de maio de 1990 e 5 de maio de 1990 e a segunda documenta a continuação da montagem da Casa Gerassi entre 5 de maio de 1990 e 29 de janeiro de 1991¹⁸¹. Antonio Gerassi, em entrevista, realça que «as filmagens fluíram quase que instantaneamente, sem roteiro ou projeto»¹⁸². Esta entrevista feita a Antonio Gerassi, o encomendador, via e-mail, confere informações sobre a documentação videográfica, a sua ligação com o arquiteto e relatos sobre a vivência nesta Casa.

Os objetos videográficos apresentam-se como registos documentais da montagem e da construção da Casa Gerassi. Estes são imprescindíveis para o estudo do espaço e de todos os elementos visuais que nele encontramos, bem como das ações que a câmara capta. O termo *fonte* revela um caráter informativo, algo de onde brota conhecimento sobre determinado assunto. A partir de uma análise da fonte surgirão questões, respostas e hipóteses sobre o objeto e o que este representa ou sugere.

A análise a que nos propomos consiste na exploração da própria fonte audiovisual e dos seus elementos: o texto (diálogos, comentários), a imagem e o som. Assim, a análise «trata-se, acima de tudo, de uma atividade que separa, que desune elementos. E após

* Fonte: Casa da Arquitetura. *Coleção de Arquitetura Brasileira*, vídeos Casa Gerassi (1990-1991).

¹⁸¹ Destes vídeos, transpostos para formato digital pela Casa da Arquitetura, serão apresentadas diversas capturas ao longo do texto.

¹⁸² Entrevista inédita realizada pelos estudantes no âmbito desta investigação a Antonio Gerassi (1 abr. 2020). Dora-vante citada GERASSI, 2020.

a identificação desses elementos é necessário perceber a articulação entre os mesmos»¹⁸³. A descrição arquivística indica que o objeto é propriedade da Coleção de Arquitetura Brasileira da Casa da Arquitectura, cedido pelo próprio Antonio Gerassi, o qual detém os direitos autorais do mesmo. Em entrevista, outra fonte essencial que complementa o documento vídeo, o encomendador da obra conta como o próprio foi responsável pela gravação com o intuito de preservar a memória da construção¹⁸⁴. Entende-se, por isso, o caráter doméstico dos vídeos, que documentam a construção da Casa onde a sua família viverá posteriormente, enfatizado também pelo suporte de gravação.

O som apresenta-se como um elemento crucial na análise da fonte audiovisual. Este, juntamente com a imagem, permite recriar o espaço capturado, nomeadamente o local e o terreno onde a Casa Gerassi se vai erguer. A presença de som enriquece a imagem e os dois funcionam através do princípio de síncriese, ou seja, permitem que se estabeleçam relações com o que vemos e com o que ouvimos¹⁸⁵. Somos imediatamente imersos no espaço de construção, com sons de camiões, da montagem da Casa Gerassi e de diálogos momentâneos. Tal decorre de estarmos a analisar um registo em suporte vídeo, meio que permitia, à época, não só a gravação de imagens, mas também de sons em direto, sincronizados com a imagem.

A fonte audiovisual mostra-nos a transformação de um espaço (do terreno) a partir da construção e montagem de uma casa. O tempo é marcado pelo som, pelas marcas temporais no vídeo, pelo movimento dos intervenientes na obra e pelo gradual crescimento do projeto. É a partir desta análise que compreendemos a presença de Antonio Gerassi e de Paulo Mendes da Rocha, o arquiteto contratado. Os outros intervenientes ou são trabalhadores ou espectadores anónimos cuja identidade podemos especular (talvez familiares e amigos do engenheiro Gerassi e do arquiteto ou possíveis vizinhos). A fonte audiovisual torna-se, assim, o primeiro ponto de contacto com o objeto físico em estudo: a Casa Gerassi.

A investigação dos contextos histórico ou arquitetónico responde-nos a questões pertinentes, mas carece da ligação pessoal que a fonte nos oferece. Isoladamente, a fonte não nos permite estabelecer ligações imediatas com os seus possíveis contextos, para tal termos de analisar os vários elementos que nos proporcionam uma leitura ao nível da cultura visual.

CULTURA VISUAL: DOCUMENTOS DE UMA CONSTRUÇÃO

A cultura visual ganha um papel importante para a análise dos vídeos, gravados pelo próprio proprietário, que documentam a construção da habitação¹⁸⁶.

¹⁸³ PENAFRIA, 2009: 2.

¹⁸⁴ GERASSI, 2020.

¹⁸⁵ CHION, 2011: 12.

¹⁸⁶ GERASSI, 2020.

Este documento origina uma variedade de questões que podem ser respondidas através do estudo e da investigação da imagem em movimento. Como a fonte videográfica visa documentar a construção de uma arquitetura, podemos interpretar o som como um fator natural e circundante.

No espaço captado pela câmara percebemos o decorrer de diversas ações, o que permite perceber a evolução de um terreno, marcado pela presença de vegetação, para um lugar onde se ergue uma arquitetura de um só volume, constituída por materiais industriais. Neste sentido, a percepção espacial é um fator importante para compreender o lugar ao nível territorial e ao nível das dinâmicas que nele decorrem na montagem da estrutura arquitetónica. Por outro lado, nestes objetos que documentam a transformação de um espaço é perceptível a passagem do tempo marcada por momentâneos elementos textuais que informam sobre a hora e sobre a data da sua captura (dia, mês e ano). Neste caso, a arquitetura é «um instrumento de transformação»¹⁸⁷, alterando o *genius loci* deste bairro brasileiro. Durante a gravação do processo construtivo destacamos vários intervenientes que presenciam ou trabalham na montagem da estrutura arquitetónica numa área urbana rodeada de habitações. Assim, estas estabelecem uma narrativa visual estimulada pelas ações dos trabalhadores, que vestem uniforme azul, e pelas ações e intervenções do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, do engenheiro e proprietário Antonio Gerassi, bem como de outros intervenientes.

O som gravado é produzido pela elevação das peças pré-fabricadas, pela sua chegada nos longos camiões, pelo súbito aglomerado de pessoas, marcando o movimento e o ambiente da construção.



Fig. 36. Captura 01 (00:01:08)
Fonte: Casa da Arquitectura.
Coleção de Arquitectura Brasileira,
vídeos Casa Gerassi (1990-1991)

¹⁸⁷ ROCHA, 2012: 34 *apud* VILLAC, 2016: 97.



Fig. 37. Captura 02 (00:17:44)
 Fonte: Casa da Arquitectura.
 Coleção de Arquitectura Brasileira,
 vídeos Casa Gerassi (1990-1991)

Neste sentido, percebemos um contraste entre a pacatez do bairro, que predominava no início da gravação, e o ruído típico da construção. Mesmo o diálogo entre os intervenientes é afetado pelo som das máquinas. Desta forma, podemos dar o exemplo de uma pequena conversa entre Paulo Mendes da Rocha e Antonio Gerassi, bastante condicionada pelo ruído das máquinas, mas que permite perceber que o arquiteto comenta: «A casa é bonita» — enquanto Gerassi pergunta — «Você gostou?» — e Paulo Mendes da Rocha termina com a simples frase — «Pedaço da sua casa»¹⁸⁸. Ao longo da gravação vemos que o número de trabalhadores no estaleiro aumenta com a chegada das peças pré-fabricadas ao lugar da Casa e das máquinas mais ruidosas, como a grua.



Fig. 38. Captura 03 (00:21:18)
 Fonte: Casa da Arquitectura.
 Coleção de Arquitectura Brasileira,
 vídeos Casa Gerassi (1990-1991)

¹⁸⁸ Objeto 1 (00:12:45 - 00:12:57).



Fig. 39. Captura 04 (00:13:01)
 Fonte: Casa da Arquitectura.
 Coleção de Arquitectura Brasileira,
 vídeos Casa Gerassi (1990-1991)

Durante o processo de montagem da estrutura, percebe-se o desafio que os construtores civis têm na colocação das enormes peças no seu local, estando estes por vezes em perigo devido à possibilidade de queda daquelas. O processo de construção, difícil, é acompanhado por inúmeras instruções em voz alta de forma a orientar a obra.

Num ponto mais avançado da montagem, os trabalhadores circulam em pontos elevados, sobre as peças, como acrobatas. Desafiam a gravidade com a sua destreza a andar em cima de finas peças, acabadas de encaixar na estrutura, ou sentados noutras que são elevadas pela grua. De certa forma, recordam-nos as fotografias de trabalhadores nos arranha-céus a *desafiar* as alturas. Exemplo disto são as fotografias de Lewis Hine que se dedicou largamente à fotografia das obras de Nova Iorque, especialmente da década de 1930. A fotografia *Empire State Building, New York (1931)*¹⁸⁹ mostra-nos dois trabalhadores desprotegidos numa obra a grande altura.

Deste modo, a Casa Gerassi foi construída através de peças pré-fabricadas que formam um edifício de um só piso, com a libertação total do espaço térreo, como percebemos nos momentos finais do objeto videográfico¹⁹⁰. Até aos dias de hoje, esta arquitetura habitacional preserva a sua identidade com as suas estruturas pré-fabricadas. Estes vídeos são testemunhos da transformação de um espaço e guardam em si a memória desta mudança pelo próprio proprietário e morador, Antonio Gerassi.

¹⁸⁹ HINE, *fol.*, 1931.

¹⁹⁰ SELEME, 2012: 22.



Fig. 40. Captura 05 (00:13:45)
Fonte: Casa da Arquitectura.
Coleção de Arquitectura Brasileira,
vídeos Casa Gerassi (1990-1991)



Fig. 41. Captura 06 (00:16:42)
Fonte: Casa da Arquitectura.
Coleção de Arquitectura Brasileira,
vídeos Casa Gerassi (1990-1991)

A CONSTRUÇÃO DA CASA GERASSI

O processo construtivo é uma forte componente para compreender o projeto da Casa Gerassi do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Acolhendo as ideias de Antonio Gerassi para a construção da sua habitação, o arquiteto concebe uma arquitetura que dominará o terreno de uma forma concisa e estrutural. Assim, estabelece uma articulação com o espaço orgânico exterior, enfatizando o sistema construtivo desta arquitetura.

Devido ao seu particular percurso, Paulo Mendes da Rocha afirma que a construção é fundamental para levar a cabo o conhecimento arquitetónico e resolver os problemas com eficiência de modo a atingir o essencial e evitar o desnecessário¹⁹¹. O mesmo refere-se aos arquitetos como aqueles que pensam como engenheiros¹⁹². Assim, o processo construtivo revelará a competência e o virtuosismo do arquiteto¹⁹³.

¹⁹¹ LUZURIAGA TORRES, 2012: 69.

¹⁹² LUZURIAGA TORRES, 2012: 69.

¹⁹³ LUZURIAGA TORRES, 2012: 69.

Deste modo, os seus projetos arquitetónicos são uma síntese do raciocínio, das experiências e das observações sobre o espaço¹⁹⁴. Neste caso, a técnica, que busca a racionalização do método construtivo, é o elemento eminente nas obras de Paulo Mendes da Rocha como forma de manifestação estrutural¹⁹⁵. Os seus projetos anulam a distância entre a razão e a imaginação, utilizando a técnica como uma ferramenta capaz de resolver os problemas¹⁹⁶. Assim, esta permite um ato de conhecimento e a invenção de um procedimento¹⁹⁷.

A definição do sistema construtivo pré-fabricado da Casa Gerassi foi importante para a aplicação de uma técnica limpa, pelo facto de evitar o desperdício de material. De igual modo, este recurso proporcionou um rigoroso controlo do processo com a execução do trabalho de uma forma eficiente¹⁹⁸. Assim, a utilização de peças pré-fabricadas permitiu uma construção veloz. Os projetos de habitação de Paulo Mendes da Rocha demonstram o «esforço de imaginar casas que não possuam especificidade perante o resto da arquitetura: que sejam simplesmente arquitetura, ou seja, que visem construir»¹⁹⁹.

Por conseguinte, os objetos videográficos gravam toda a evolução da construção da Casa Gerassi. Eles documentam a chegada das peças em enormes camiões a este bairro de São Paulo, o levantamento pela enorme grua, a montagem e o resultado final de todas as peças conjugadas.

A adoção deste sistema industrial causou um grande impacto nos residentes deste bairro. À medida que as peças pré-fabricadas foram chegando e a grua começou a elevá-las, a vizinhança reclamava que num bairro residencial não poderia ser construído um edifício comercial²⁰⁰. Assim, as pessoas, ao observarem as estruturas de betão, consideraram que não estaria a erguer-se um edifício habitacional. O desentendimento dos residentes quanto ao sistema construtivo causou a Paulo Mendes da Rocha grande satisfação, pois esta situação revelava o «verdadeiro êxito da técnica»²⁰¹. Neste caso, a técnica é utilizada como instrumento de mudança do relacionamento entre o Homem e a natureza das formas²⁰².

A Casa Gerassi é um notável exemplo para elevar as virtudes do sistema construtivo pré-fabricado. Deste modo, o mesmo «não condiciona a engenhosidade humana»²⁰³, permitindo ao arquiteto expressar o seu conhecimento e capacidade técnica através de uma obra concisa e estruturada.

¹⁹⁴ SELEME, 2012: 4.

¹⁹⁵ SELEME, 2012: 5.

¹⁹⁶ LUZURIAGA TORRES, 2012: 77.

¹⁹⁷ VILLAC, 2014: 5.

¹⁹⁸ LUZURIAGA TORRES, 2012: 93.

¹⁹⁹ PISANI, 2018: 21.

²⁰⁰ OTONDO, 2013: 101.

²⁰¹ OTONDO, 2013: 102.

²⁰² OTONDO, 2013: 102.

²⁰³ LUZURIAGA TORRES, 2012: 93.

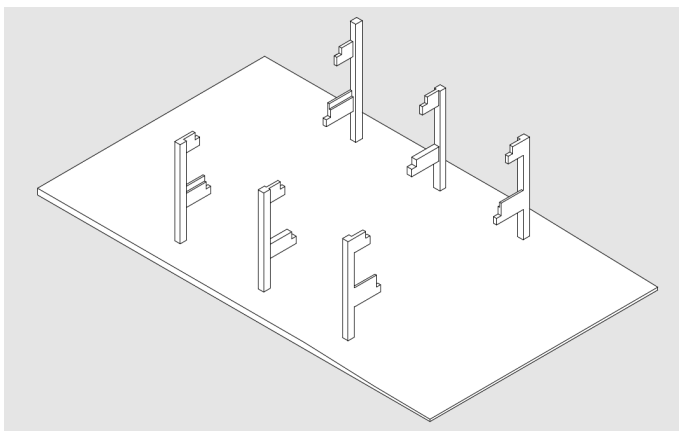


Fig. 42. Montagem das colunas com suporte
Fonte: LUZURIAGA TORRES,
2012: 117

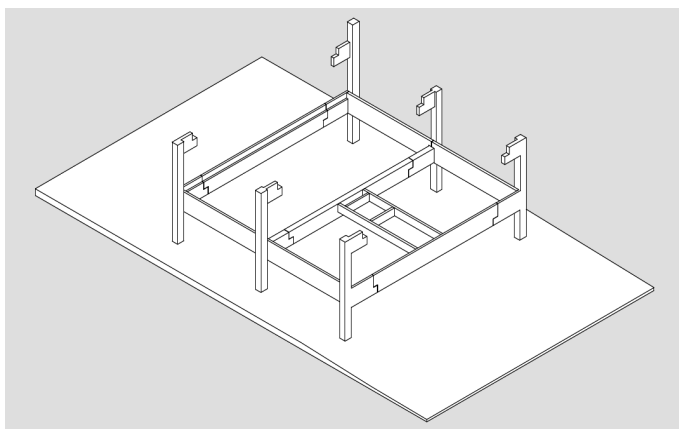


Fig. 43. Montagem das vigas I
Fonte: LUZURIAGA TORRES,
2012: 118

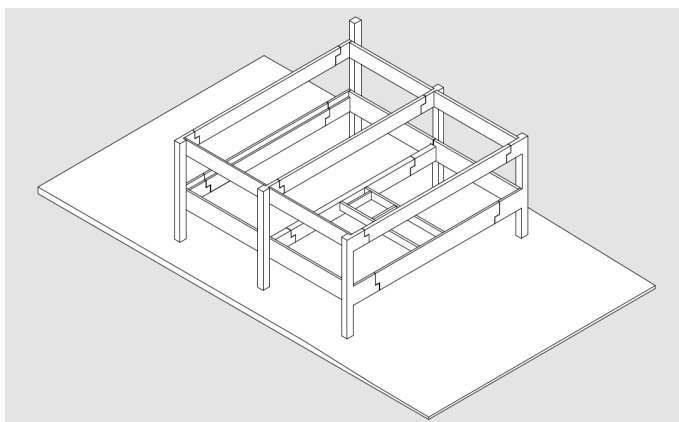


Fig. 44. Montagem das vigas II
Fonte: LUZURIAGA TORRES,
2012: 119

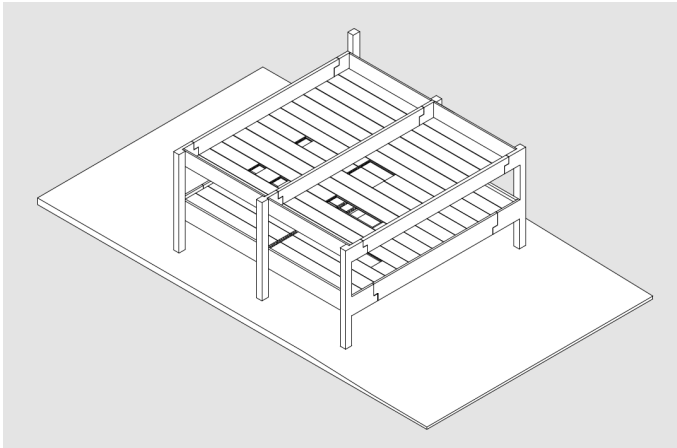


Fig. 45. Montagem das lajes alveolares
Fonte: LUZURIAGA TORRES, 2012: 121

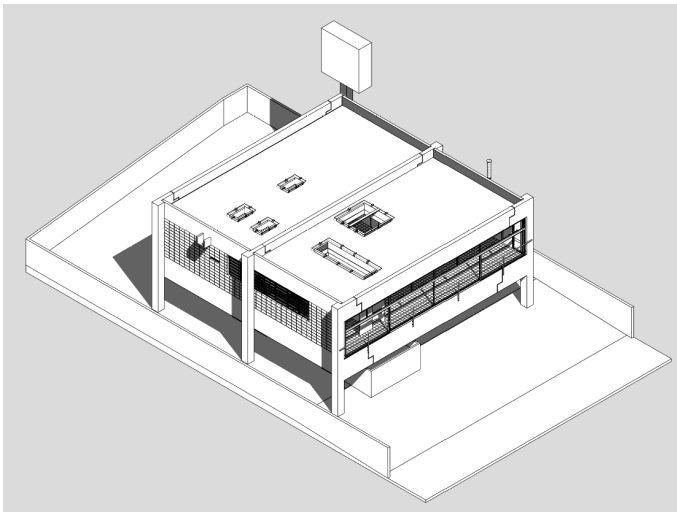


Fig. 46. Finalização e acréscimo do reservatório de água
Fonte: LUZURIAGA TORRES, 2012: 128

O TEMPO E O ESPAÇO DA CASA GERASSI

Para entender a Casa Gerassi é fundamental contextualizá-la no tempo e no espaço. O entendimento do contexto histórico permite compreender pontos centrais da construção, seja pela opção dos moldes pré-fabricados, duráveis e ágeis, seja pela opção de um espaço que apresenta permeabilidade entre o público e o privado, assim como tantos outros.

O espaço anexo à residência, o quarto destinado aos empregados domésticos, evidencia o estatuto social dos proprietários e representa, para as novas gerações, uma herança de um *modus vivendi* do passado. Dessa forma, o combate à desigualdade está fortemente presente na vida de Paulo Mendes da Rocha, e encontramos o seu eco na forma como trata o espaço no qual impera a convivência do coletivo.

As transformações políticas, sociais e económicas da década de 1980 repercutiram-se diretamente na Casa Gerassi. Após um lento e gradual processo de abertura democrática, o regime ditatorial chegou ao fim em 1985 com as eleições indiretas de Tancredo Neves para a Presidência da República²⁰⁴. Nesta época, o país saía de um regime autoritário no qual a cúpula das Forças Armadas exercia o poder e as principais funções do Governo.

Apesar da forte censura e repressão militar desde o final dos anos de 1960, a ditadura não conseguiu silenciar os setores letrados da população; contrariamente, a ideologia de esquerda continuava a dominar, de forma geral, os meios académicos e culturais²⁰⁵. Foi nesse período que diversos movimentos culturais, como o Tropicalismo, surgiram sob a influência das correntes artísticas da vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira. Muitos artistas e profissionais liberais foram exilados neste período e amnistiados em 1979, incluindo Paulo Mendes da Rocha.

No âmbito económico, durante a ditadura, permanecia o princípio da forte presença do Estado na regulação do mercado, o que promoveu uma ilusão de crescimento económico. A máscara do «milagre económico» caiu na redemocratização, a qual foi marcada pela forte crise económica²⁰⁶. Se na década de 1970 houve o crescimento da industrialização e das exportações, os anos de 1980 apresentaram um aumento da dívida externa do país.

O movimento das Diretas Já, que clamava pelas eleições diretas para a Presidência da República²⁰⁷, foi importante para a redemocratização. Em 1984, foi em São Paulo que a investida democrata ganhou força com um evento realizado no Vale do Anhangabaú, no centro da capital paulista. Mais de 1,5 milhões de pessoas se reuniram para declarar apoio ao movimento das Diretas Já²⁰⁸.

A partir de 1985 a sociedade brasileira passou por reformas estruturais. Em 1986, convocou-se a Assembleia Constituinte na qual foi elaborada uma nova Constituição²⁰⁹ que estabeleceria um Estado democrático e os direitos fundamentais do cidadão. Porém, a nova Constituição não foi suficiente para combater a desigualdade social que cresceu durante a ditadura²¹⁰ e tornou-se insustentável nos anos de 1980.

Em 1989, ano da primeira eleição presidencial decidida por voto popular no Brasil, a população de 146,7 milhões de pessoas conviveu com a inflação acumulada de 1.972,91%²¹¹ (recorde que só seria batido em 1993, quando o Índice de Preços ao

²⁰⁴ FAUSTO, 2001: 237.

²⁰⁵ FAUSTO, 2001: 284.

²⁰⁶ FAUSTO, 2001: 256.

²⁰⁷ SCHWARCZ, STARLING, 2015: 491.

²⁰⁸ SCHWARCZ, STARLING, 2015: 493.

²⁰⁹ FAUSTO, 2001: 286.

²¹⁰ NERI, 2009: 10.

²¹¹ IBGE, [s.d.].

Consumidor Ampliado apresentou um aumento de 2.477,15%). Após uma polémica campanha, Fernando Collor de Mello implementou o Plano Brasil Novo (conhecido como Plano Collor). Ele, por sua vez, bloqueou o dinheiro de poupanças, conta-correntes e aplicações no Brasil, resultando na cativação de quase 80% do dinheiro que circulava nos bancos no país²¹². A medida, além de impopular, não foi eficaz e resultou na queda do consumo, aumento do desemprego e da instabilidade económica. A situação ainda se deterioraria mais com as denúncias de corrupção e o desvio de dinheiro ligados ao presidente, até resultar em seu *impeachment* em dezembro de 1992. Naquele momento, o Brasil tinha uma taxa de desemprego de 6,5% e uma inflação de 1.119,10%²¹³.

A instabilidade económica e a inflação diária são o pano de fundo para compreender esta casa. Ao utilizar-se materiais pré-fabricados, a estrutura da Casa Gerassi foi edificada em três dias e, por sua vez, não sofreu o impacto da hiperinflação. Já as questões políticas e sociais refletem-se no modo de projetar de Paulo Mendes da Rocha na medida em que o arquiteto promove o coletivo em seus espaços o que se traduz na igualdade de tratamento dos usuários das suas obras.

O CONTEXTO ARQUITETÓNICO BRASILEIRO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

A arquitetura da «Escola Paulista» vai obter o protagonismo no cenário nacional passado o apogeu da Escola Carioca, refletida nomeadamente nas obras de Oscar Niemeyer e de Lúcio Costa na construção da nova capital federal.

Brasília representaria o ápice da produção de Niemeyer, o qual, já nos anos de 1950, afirmava uma linguagem de puro deleite, conferindo à arquitetura uma dimensão erótica e lúdica²¹⁴ expressa pela curva, pelas rampas e pelas superfícies deslizantes e reviradas. Tratava-se de um momento de «construção da identidade nacional baseada numa [nova] agenda política de país»²¹⁵. Foi somente passado o esplendor arquitetónico materializado em Brasília que a chamada «Escola Paulista» ganharia progressivamente mais notoriedade através de obras que se destacavam do seu contexto imediato.

A produção arquitetónica de Paulo Mendes da Rocha encontra relevância a nível nacional e internacional. A sua obra está intrinsecamente ligada e influenciada pelo seu contacto com Vilanova Artigas (1915-1985), tido como o principal mentor da «Escola Paulista». Este grupo iria trazer como principal proposta a definição da forma arquitetónica a partir da estrutura, um legado da Escola Politécnica de São Paulo²¹⁶. Após a morte

²¹² SCHWARCZ, STARLING, 2015: 495.

²¹³ IBGE, [s.d.].

²¹⁴ FIGUEIRA, 2010: 65.

²¹⁵ TAKAHASHI, 2019: 90.

²¹⁶ TAKAHASHI, 2019: 75.

de Artigas, em 1985, os novos arquitetos de São Paulo buscariam em Paulo Mendes da Rocha uma referência e fonte de inspiração.

Entre os principais aspectos valorizados pela «Escola Paulista» destaca-se o conceito da «verdade estrutural», tema relacionado com a clareza e com a adequação da estrutura²¹⁷. Além disso, também é notória a valorização do uso do betão armado com valor estético. O uso da sua plasticidade formal, contudo, nunca dissimulou a estrutura ou prejudicou a sua leitura, de forma que os elementos estruturais propostos nos projetos fossem facilmente identificados e visualizados de maneira quase didática²¹⁸. A «Escola Paulista», portanto, partia da questão estrutural como influência formal e estética da arquitetura.

A preocupação quanto ao sistema construtivo da «Escola Paulista» não foi ao acaso. A formação dos arquitetos de São Paulo decorria de dois cursos principais: o da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie e o da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Ambos já existiam ligados aos cursos de engenharia civil anteriormente criados, que contavam, entre as suas especialidades, com a formação para o diploma de engenheiro-arquiteto. Portanto, a formação do arquiteto paulista nasce de uma raiz politécnica, pragmática, técnica e fortemente associada à engenharia²¹⁹.

A «Escola Paulista» teria o seu nascimento na década de 1950 e se consolidaria, gradualmente, até conquistar ampla expansão e escolarização, na década de 1970. É relevante ressaltar que para que esta arquitetura se configurasse como uma «escola» não foi necessário que ela se concentrasse em um edifício ou espaço físico, nem que fosse lecionada oficialmente em determinado curso ou tivesse regulamentos claros e bem definidos. De facto, a «Escola Paulista» apenas passaria a permear os meios de ensino de maneira mais presente a partir dos anos de 1970, o que não significa que a prática de uma arquitetura que seguisse as suas referências não existisse anteriormente em São Paulo. Até meados dos anos de 1960 já existia uma centena de obras seguindo os preceitos de racionalidade projetual e construtiva valorizados pela «Escola»²²⁰.

A «Escola Paulista» vai exercer grande influência não somente na arquitetura de São Paulo, mas também no cenário nacional, facto que se reflete na sua comprovada expansão. O grupo seria tão bem-sucedido que produziria mudanças significativas na paisagem através do aumento exponencial de suas obras a partir da década de 1960 com a progressiva adesão de mais arquitetos a tais preferências estéticas²²¹.

Naturalmente, a intensa exploração das possibilidades estruturais oriundas da formação associada à engenharia encontraria um esgotamento que se refletiria na decadência deste modelo através de projetos de volumetria excessivamente ousada e sem

²¹⁷ ZEIN, 2005: 77.

²¹⁸ MACADAR, 2006: 2.

²¹⁹ ZEIN, 2005: 338.

²²⁰ ZEIN, 2005: 341.

²²¹ ZEIN, 2005: 341.

propósito, configurando um exibicionismo de estruturas sem real sentido²²². Após a exacerbação formal dos anos de 1970, inicia-se uma revisão crítica da modernidade brasileira que levaria a arquitetura a outros rumos. Se na década de 1970 a arquitetura brasileira era tida como «carioca» ou «paulista», assumindo sempre como unidade as características de um grande centro, na década de 1980 ela iria se apropriar de uma identidade cada vez mais facetada e incorporaria distintos traços regionais²²³, tornando-se efetivamente brasileira e plural. A arquitetura brasileira passaria, assim, a distanciar-se de uma unidade e a assumir plenamente a multiplicidade.

O ARQUITETO: PAULO MENDES DA ROCHA

Nascido em 1928 em Vitória, no Brasil, Paulo Mendes da Rocha é uma das principais figuras da arquitetura contemporânea brasileira. A obra do arquiteto ultrapassa fronteiras e alcança relevância internacional, sendo reconhecido pela obtenção de um Pritzker, prêmio mais emblemático da arquitetura, em 2006. O arquiteto foi também agraciado com outras distinções, dentre as quais o Prémio Mies van der Rohe de Arquitetura Latino-Americana, em 2000, e o Leão de Ouro, da Bienal de Veneza, em 2016.

O contacto de Paulo Mendes da Rocha com a engenharia se daria desde muito cedo. Filho do engenheiro de portos e vias navegáveis Paulo Menezes Mendes da Rocha, que foi diretor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo entre 1943 e 1947, nutre, assim, uma proximidade com a área da engenharia vinda do seio familiar.

Formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1954, Paulo Mendes da Rocha iria vencer o concurso para o ginásio do Clube Atlético Paulistano em 1958, aos 29 anos, somente 4 anos após ter-se formado como arquiteto. A obra dar-lhe-ia o Grande Prémio Presidência da República na 6.ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1961. A partir de então, integraria o grupo da chamada «Escola Paulista» na arquitetura, que reunia como principal nome o arquiteto Vilanova Artigas²²⁴.

O arquiteto tornar-se-ia professor em 1961 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), a convite de Vilanova Artigas. Durante o período da ditadura militar no Brasil, Mendes da Rocha e Artigas, juntamente com outras figuras da arquitetura brasileira, como Oscar Niemeyer, seriam perseguidos, uma vez que na lógica daquele regime de repressão estes eram tidos como subversivos pelas suas ideologias de cunho socialista. Mendes da Rocha²²⁵ e Artigas iriam ser afastados de seus cargos da FAUUSP e passariam pelo exílio. O retorno à Universidade apenas se daria em 1980 (após a amnistia de 1979), quando o arquiteto assumiria o cargo na condição de auxiliar de ensino, até tornar-se professor titular em 1998, aos 70 anos.

²²² ZEIN, 2005: 348.

²²³ TAKAHASHI, 2019: 103.

²²⁴ ITAÚ CULTURAL, 2019b.

²²⁵ TAKAHASHI, 2019: 103.

O seu contacto com Artigas iria repercutir-se na sua obra, que seria marcada por uma estética arquitetónica ligada à engenharia e às questões estruturais. Entre as obras fundamentais de Paulo Mendes da Rocha destacam-se a sede social do Jóquei Clube de Goiás, de 1962, e a sua própria residência, no bairro Butantã, de 1964, ambas em São Paulo.



Fig. 47. Casa Butantã (1964),
São Paulo
Fonte: Casa da Arquitectura.
Coleção de Arquitectura Brasileira,
047CynthiaYendocl_Casa
Butantã

A casa no Butantã seria marcada pelo uso de peças pré-fabricadas, de betão armado, e pelo rigor construtivo pautado na modulação. Seria um dos primeiros ensaios do arquiteto com a ideia de racionalização com a utilização de peças adequadas à repetição, inseridas na lógica de produção em larga escala, princípios que seriam aplicados em projetos posteriores, como na Casa Gerassi, em 1989. A Casa Butantã é um retrato daquele momento da vida do arquiteto, que moraria na residência com os quatro filhos e que, portanto, desejava transformar a experiência de habitar numa atividade lúdica para as crianças através de suas formas e espacialidade. Atualmente é o filho do arquiteto que nela reside.

Mendes da Rocha também atuaria na representação da classe, presidindo o departamento paulista do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Departamento São Paulo (IAB SP) em dois períodos: de 1972 a 1973 e de 1986 a 1987. Através de seu projeto para o Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE) (1987), também vencedor de um concurso, inaugura-se uma nova fase de reconhecimento público do seu trabalho. O grande vão livre de 60 metros sob a viga do MuBE iria fazer deste edifício uma das suas obras mais famosas. O vão teria uma função essencialmente simbólica²²⁶: demarcar um lugar, uma construção semissubterrânea onde se abriga o acervo do museu.

²²⁶ TELLES, 1990: 44-51.



Fig. 48. MuBE (1995), São Paulo
 Fonte: Casa da Arquitectura.
Coleção de Arquitectura Brasileira,
 PT_CA_PMR1_MUBE_05

Na década de 1990, por volta do mesmo período em que projetou a Casa Gerassi, a produção arquitetônica de Paulo Mendes da Rocha vai ser largamente reconhecida, sendo executados nesta década projetos relevantes para a cidade de São Paulo, como o pórtico da Praça do Patriarca, em 1992, e a reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo (PESP), em 1993.

Entre a produção de Paulo Mendes da Rocha no recente cenário internacional destaca-se o Museu Nacional dos Coches, em Lisboa, projeto em parceria com MMBB Arquitetos e Bak Gordon Arquitectos. A sua produção manifesta-se como a legítima herdeira do legado racionalista, porém atualizada para um novo contexto. Assim, a sua obra lança-se no panorama contemporâneo trazendo de volta o olhar internacional para a arquitetura brasileira.

O ENCOMENDADOR: ANTONIO GERASSI

Antonio Gerassi foi o encomendador da Casa Gerassi. Engenheiro civil licenciado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1978) já ocupou cargos públicos de relevância em órgãos do Estado de São Paulo, como a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e da Ciência e Tecnologia de São Paulo e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Foi, inclusive, membro do conselho de administração da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB)²²⁷.

O encomendador foi também o autor das filmagens que registaram o processo de construção da Casa, cujas imagens são reproduzidas ao longo deste texto. Como engenheiro, filmar as suas obras era um hábito que já tinha de trabalhos anteriores. Segundo Gerassi, os registos ajudam-no a preservar na memória os detalhes dos processos construtivos²²⁸.

²²⁷ SÃO PAULO. Governo do Estado. CONSEMA, 1995.

²²⁸ GERASSI, 2020.

A escolha do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, como será exposto a seguir, deu-se por diversos fatores, sendo o mais relevante o facto de o arquiteto e Gerassi terem frequentado a mesma universidade. Neste sentido, em entrevista, Paulo Mendes da Rocha confessou que havia muita sinergia entre ambos e que a Casa Gerassi é «um paradigma, uma casa tese»²²⁹, destacando que a sua maior virtude está no seu proprietário e na sua capacidade de compreender a proposta apresentada. Assim, eles trabalharam juntos e construíram uma casa que foi habitada pela família Gerassi durante 20 anos.

A ENCOMENDA DA CASA GERASSI

Desde a época da faculdade que Antonio Gerassi conhecia os trabalhos de Paulo Mendes da Rocha. Com o intuito de contratá-lo para construir a sua próxima residência, em 1989, Gerassi procurou o arquiteto em seu escritório. Na altura, o arquiteto já não gostava da ideia de desenhar mais projetos de casas privadas. Em diversas entrevistas Mendes da Rocha disse que era contra a construção de habitações individuais em uma cidade de 21 milhões de habitantes como São Paulo²³⁰. Porém, quando consultado, Mendes da Rocha, em tom de brincadeira, disse: «só faço, [se a casa] for pré-fabricada»²³¹. Ainda, nas suas palavras²³², este proprietário imediatamente aceitou a proposta e demonstrou imenso interesse pela hipótese. Como engenheiro, Gerassi já havia trabalhado anteriormente com peças pré-fabricadas (na construção de viadutos rodoviários) e empolgou-se com a escolha do arquiteto de utilizá-las na estrutura da Casa, como conta em entrevista²³³. E, então, desenrolaram-se os trabalhos.

A ideia inicial era construir uma residência na qual houvesse bastante espaço de lazer para toda a família, que na época contava com as duas filhas do casal. Dessa forma, o encomendador apresentou o primeiro terreno escolhido por sua família a Paulo Mendes da Rocha. Tratava-se de um terreno plano e com uma grande árvore frutífera (chamada Tipuana) no centro, que foi prontamente acarinhada pelo arquiteto. Entre brincadeiras, Mendes da Rocha respondeu que ao comprar aquela bela árvore, o terreno viria como um presente.

²²⁹ OTONDO, GOUVÊA, 2008: 22.

²³⁰ GERASSI, 2020.

²³¹ OTONDO, GOUVÊA, 2008: 24.

²³² OTONDO, GOUVÊA, 2008: 20.

²³³ GERASSI, 2020.

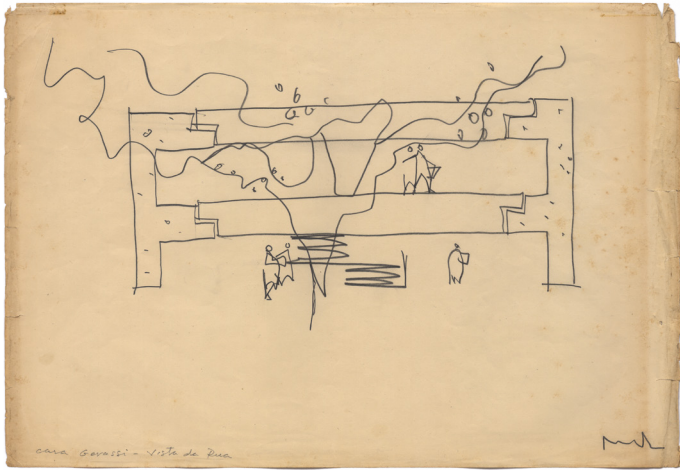


Fig. 49. Desenho da Casa Gerassi de Paulo Mendes da Rocha
Fonte: Casa da Arquitectura.
Coleção de Arquitectura Brasileira,
PT_CA_ABR_PMR3-01-0001_EXP



Fig. 50. Fachada da Casa Gerassi
Fonte: Casa da Arquitectura.
Coleção de Arquitectura Brasileira,
PT_CA_ABR_PMR3-02.01.4-0058

O engenheiro e o arquiteto estavam tão alinhados que o projeto se manteve praticamente inalterado. Apenas duas alterações foram sugeridas por Paulo Mendes da Rocha após a finalização da casa: (i) a construção de um anexo em forma de trapézio, chamado de «estúdio das meninas»; e (ii) o plantio de um pé de romã para receber as visitas «com certa doçura», nas palavras do proprietário. Orgulhoso por tê-la construído, Gerassi classifica a experiência de habitar a residência como «indescritível»²³⁴.

²³⁴ GERASSI, 2020.

HABITAR A CASA GERASSI

Paulo Mendes da Rocha utiliza a sua técnica de modo a erguer um edifício habitacional que se adaptasse ao terreno, no interior de um bairro residencial, e à família de Antonio Gerassi, ou seja, «o rigor da engenharia revela o modo construtivo de adaptação do meio natural à presença humana»²³⁵. Assim, o projeto da Casa Gerassi permitiu a transformação do lugar, tal como possibilitou o relacionamento da Casa com a cidade ao incorporar a natureza e a paisagem em seu redor.

A transformação de um terreno abandonado num espaço pensado para o Homem habitar possibilitou uma nova interação com o lugar. Nos objetos videográficos esta ideia encontra-se presente. Quando a Casa Gerassi começa a transformar-se numa estrutura sólida, várias pessoas têm interesse em perceber o que está a acontecer. Desta forma, a interação e a percepção do lugar modificam-se.

Antonio Gerassi habitou esta Casa cerca de 20 anos com a sua mulher e as duas filhas. O próprio demonstra satisfação ao falar da sua estadia na sua habitação. Ele afirma que todas as áreas eram «realmente utilizadas no quotidiano»²³⁶ e o que mais gosta nela é de «tê-la construído»²³⁷. Atualmente, a Casa Gerassi é habitada por sua filha, Carolina, juntamente com o seu genro e neto.

Neste contexto, é perceptível que o arquiteto ao criar esta Casa teve em mente as necessidades habitacionais da família e a forma de acomodá-las ao terreno existente. Cada projeto de Paulo Mendes da Rocha tem geralmente o território como referência, nele o arquiteto deixa a sua marca ao transformá-lo num lugar habitável²³⁸. Logo, o desenho de um edifício de um andar através de peças pré-fabricadas permitiu-lhe a libertação do piso inferior, dedicado à receção dos visitantes e ao lazer exterior.

As obras deste arquiteto procuram constantemente adequar aos olhos a ideia de construção na paisagem. A sua pretensão é estabelecer novos raciocínios sobre o estado das águas, das planícies e das montanhas da mata americana²³⁹. Neste sentido, a Casa Gerassi edifica-se nesta imersão com a paisagem. Apesar de a Casa ter um volume sólido, o seu vão livre no rés do chão abraça toda a envolvência verde do ambiente da mata atlântica brasileira, permitindo à natureza entrar e ser visualizada por aqueles que passam na Rua Carlos Norberto de Souza Aranha.

A sensação de estar dentro do ambiente verde perpetua-se à medida que avançamos no interior da Casa Gerassi. No primeiro andar, amplas janelas permitem que o exterior seja apropriado pelo espaço privado, estabelecendo uma relação de complementaridade entre ambos. O diálogo entre os quartos, os quartos de banho e a cozinha busca a

²³⁵ VILLAC, 2016: 95.

²³⁶ GERASSI, 2020.

²³⁷ GERASSI, 2020.

²³⁸ LUZURIAGA TORRES, 2012: 83.

²³⁹ OTONDO, GOUVÊA, 2008.

convivência da família em si e com a cidade. Portas que se movem e janelas desdobráveis comungam num ambiente sem divisórias nem alvenaria ou pilares. Um outro espaço livre criado para o interior é marcado por pequenos ambientes — sala de jantar, sala da lareira e cozinha. Juntos estabelecem uma fácil comunicação por quem os percorre.

Desta forma, este projeto habitacional é único devido a uma conjugação da técnica e da funcionalidade. O coração do lar acolhe luz natural através da quadrangular clara-boia, que se perpetua para o piso inferior por meio do vão quadrangular vazado revestido com uma grade em ferro. De igual forma, este permite a ventilação da casa, e pode ser fechado ou aberto consoante as diferenças de temperatura²⁴⁰. Assim, a Casa Gerassi é uma arquitetura exemplar, onde a técnica é a chave para a criação e definição do espaço familiar, promovendo a convivência do interior doméstico com a paisagem e a cidade.

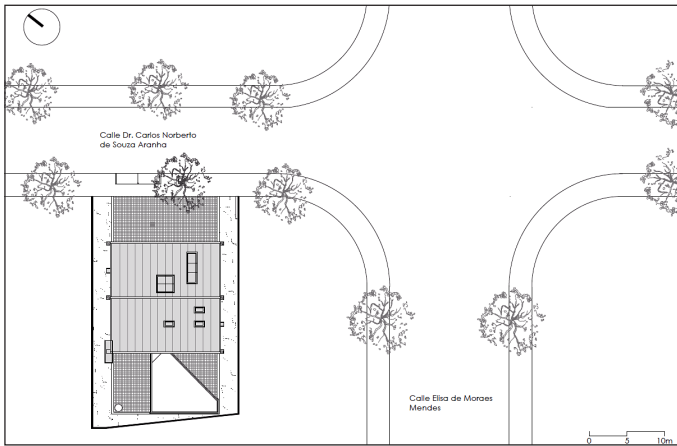


Fig. 51. Implantação da residência
Fonte: LUZURIAGA TORRES, 2012: 82

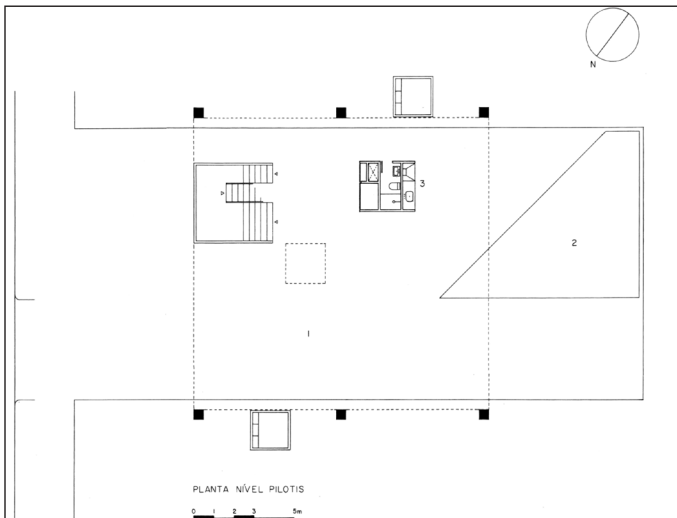


Fig. 52. Planta do piso térreo
Fonte: LUZURIAGA TORRES, 2012: 88

²⁴⁰ LUZURIAGA TORRES, 2012: 97.

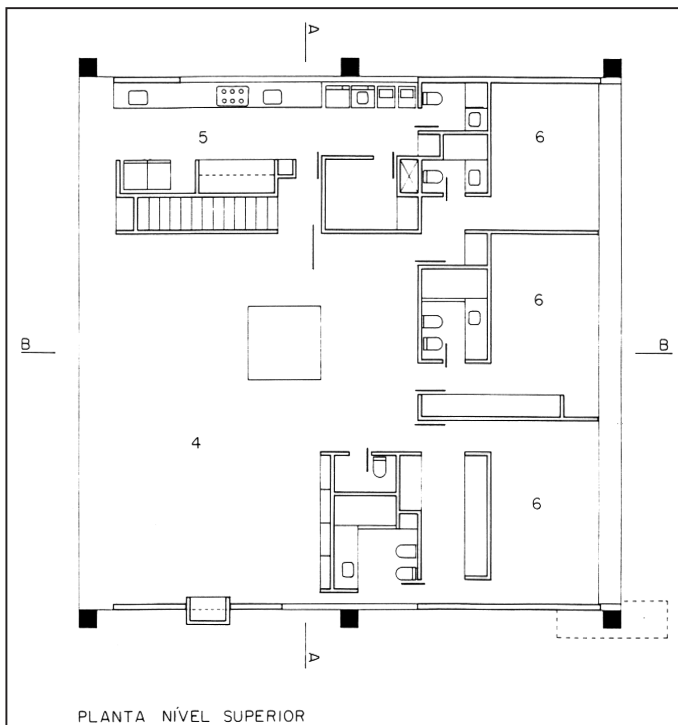


Fig. 53. Planta do piso superior
Fonte: LUZURIAGA TORRES,
2012: 88



Fig. 54. Interior da residência
Fonte: Casa da Arquitectura.
Coleção de Arquitectura Brasileira,
PT_CA_ABR_PMR3-02.01.4-0063

* Fonte: CASA DA ARQUITECTURA, prod., 2018b.